



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## **SISTEMAS AGROFLORESTAIS NA AMAZÔNIA: A ATUAÇÃO DE MULHERES PARA DESCONSTRUIR O MONOPÓLIO MASCULINO NA RECUPERAÇÃO FLORESTAL NO NORDESTE PARAENSE**

Antonia Borges da Silva; Dalva Maria da Mota

*Universidade Federal do Pará, antoniaborges1987@gmail.com; Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA Amazônia Oriental, dalva.mota@embrapa.br*

**Resumo:** O artigo trata de mulheres agricultoras e Sistemas agroflorestais – SAFs na Amazônia. Os SAFs representam uma alternativa produtiva com potencial para a manutenção da biodiversidade e recuperação florestal. Não obstante tal potencial, se difundem lentamente e têm nos homens os seus “representantes” nas ações de políticas públicas e nos eventos sobre o tema. Tendo em conta a problemática, o objetivo do artigo é analisar a atuação de mulheres nos SAFs nos municípios de Bragança, Irituia e Tomé-Açu no Nordeste Paraense. A metodologia constou de entrevistas com questões semiestruturadas e abertas com 48 agricultores e agricultoras envolvidas com SAFs em 06 vilas (duas em cada município). Dentre os entrevistados, 14 mulheres são responsáveis pelos SAFs, correspondente à 29%. Sob a responsabilidade de mulheres os SAFs de Bragança e Irituia têm alta diversificação (de 20 a 50 espécies: frutíferas nativas, essências florestais e medicinais, esta última em menor incidência nos SAFs dos homens). Já em Tomé-Açu, os SAFs têm até 6 espécies nativas, em razão do modelo implantado na região pelos japoneses e difundido entre vizinhos. As razões das mulheres responsáveis por SAFs são: a diversificação da alimentação da família, renda, embelezamento da área, sombreamento, conservação de igarapés, aumento da serrapilheira e conservação do solo. As razões dos homens são mais econômicas e ambientais. Nos discursos os homens são responsáveis pelas atividades produtivas, referendando a clássica divisão do trabalho alicerçadas na relação produção e reprodução. Na prática, as mulheres atuam sistematicamente no desenvolvimento de SAFs e têm razões para além das produtivas e econômicas.

**Palavras-Chave:** Recuperação florestal, Agricultura Familiar, Amazônia

### **Introdução**

A Amazônia Legal no Brasil, abrange os estados Amazonas, Acre, Pará, Amapá, Roraima, Rondônia, Mato Grosso, Maranhão e Tocantins e ocupa uma área que totaliza mais de 330 milhões de hectares que abrigam fauna e flora de interesse da humanidade. Não obstante, 634km<sup>2</sup> de floresta amazônica foram desmatados até maio de 2018, havendo um aumento de 73% em relação a maio de 2017 segundo o Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD). Nesse mesmo período,

somou-se 130km<sup>2</sup> de florestas degradadas, havendo um aumento de 28% em relação ao mesmo período no ano anterior (ALMEIDA, SABOGAL e BRIENZA JUNIOR, 2006; IMAZON, 2018).

A Amazônia não é um lugar que apresenta apenas diversidade de fauna e flora, trata-se de um território que abriga diferentes grupos sociais com culturas e formas de relação com a floresta e seus recursos.

Durante muitos séculos, foi-se desenvolvendo sistemas de coexistência com a floresta pelos agricultores tradicionais, populações



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas de Gênero

ribeirinhas, indígenas, seringueiros e quilombolas e outros grupos étnicos com o intuito de retirarem dela os recursos fundamentais para a reprodução social da família (NOBRE et al., 2017).

Essas formas de relação com o meio, se apresentam como um pacto, na qual a conservação dos recursos é prioritária porque cada grupo depende deles para sobreviver.

No caso específico dos agricultores, cada um conhece de forma detalhada e de modo especial a sua propriedade, a terra, os animais e as plantas que fazem parte da sua composição, e isto os fazem respeitar e sentir-se comprometido com a preservação da floresta (WANDERLEY, 2003).

Na agricultura familiar amazônica os sistemas de produção agrícolas são considerados complexos, pelo fato de num mesmo espaço incluir a criação de pequenos e grandes animais, o cultivo de espécies perenes, frutíferas e de uma forma extrativista, o consumo de produtos florestais não-madeireiros, a exemplo do açaí (*Euterpe oleracea*) e da castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*), e contribui de forma significativa na proteção ambiental, por utilizar uma área relativamente pequena para a produção agrícola e ainda gerar emprego e alimento (HURTIENNE, 2005; SCHMITZ e MOTA, 2007). Não obstante, a agricultura familiar detém aproximadamente 84,4% dos

estabelecimentos agropecuários do país, entretanto, tratando-se de território detido, correspondem apenas a 24,3% da área total dos estabelecimentos rurais (IBGE, 2006). Essas áreas se veem recentemente envolvidos no debate e práticas de conservação mediante os limites do meio e a dificuldade de persistirem com o sistema de corte e queima que tradicionalmente era utilizado mediante o uso de uma área que era deixada em pousio numa rotatividade planejada.

Nesse contexto crítico de desmatamento, experiências de restauração merecem atenção e se evidenciam por meio de iniciativas institucionais (iniciativas de organizações formalizadas) e espontâneas (iniciativas dos próprios agricultores) entre grupos de agricultores familiares, especialmente no formato de Sistemas Agroflorestais (SAFs), modelo em que a Amazônia é referência no Brasil.

Nestas experiências, há visibilidade dos homens na esfera pública, muito embora a nossa experiência de campo mostre uma significativa presença de mulheres. Assim, o objetivo do artigo é analisar a atuação de mulheres nos SAFs nos municípios de Bragança, Irituia e Tomé-Açu no Nordeste Paraense<sup>1</sup>. Esperamos contribuir para

---

<sup>1</sup> Este trabalho é parte de uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas (PPGAA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), em que a proposta é estudar o fenômeno



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Políticas da Amazônia

construir a visibilidade delas por meio da descrição de suas ações em tão importantes iniciativas.

### Sistemas Agroflorestais na Amazônia

Utilizado há anos na Amazônia, os SAFs têm suas origens nas populações indígenas, como uma tecnologia que foi evoluindo gradativamente, desde o processo de domesticação das plantas silvestres, chegando aos sistemas de produção que temos atualmente. (NAIR, 2006 apud NOBRE et al., 2017).

Segundo o Ministério do Meio Ambiente, por meio da Instrução Normativa nº 05 de 2009, os SAFs são definidos como: *“Sistemas de uso e ocupação do solo em que plantas lenhosas perenes são manejadas em associação com plantas herbáceas, arbustivas, arbóreas, culturas agrícolas, forrageiras em uma mesma unidade de manejo, de acordo com arranjo espacial e temporal, com alta diversidade de espécies e interações entre estes componentes”* (BRASIL, 2009. p.02).

No manual os Sistemas Agroflorestais para Amazônia, os SAFs são definidos como

---

da repercussão dos SAF no Nordeste Paraense. A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Projeto “REFLORAMAZ – Restauração florestal por pequenos agricultores da Amazônia Oriental”, apoiado pela EMBRAPA Amazônia Oriental, Agropolis Fondation, e coordenado pela EMBRAPA, Centre International de Recherche Agronomique pour le Développement (CIRAD) e UFPA.

*“formas de uso e manejo da terra, nas quais árvores ou arbustos são utilizados em associação com cultivos agrícolas e/ou com animais, numa mesma área, de maneira simultânea ou numa sequência temporal”* (DUBOIS, 1996, p 3).

Considerando sua importância para a recuperação de áreas degradadas e conservação da biodiversidade local, pesquisas mostram que os SAFs tem sido protagonizado pelos homens, levantando neste artigo, indagações sobre a importância das mulheres a frente desse trabalho no estabelecimento agrícola familiar.

### Metodologia

A pesquisa foi realizada em três municípios do Nordeste Paraense (NEP), uma das mais antigas áreas de colonização da Amazônia, devido principalmente às expedições exploratórias realizadas pelos portugueses nas áreas interioranas do Estado durante o período colonial. Ocupa o equivalente a 10,6% do território do Pará, sendo a mesorregião mais populosa, com aproximadamente 23,58% do total da população. Trata-se de um território onde a população rural é bastante predominante e diversa, abrangendo indígenas, quilombolas, extrativistas e agricultores familiares (NOBRE et al., 2017; IBGE, 2017).



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Políticas da Região

As entrevistas foram realizadas em 6 vilas de três municípios do nordeste paraense.

Bragança abrange uma área de 2.091.930 km<sup>2</sup> e possui uma população estimada em 124.180. Está distante 212 km da capital Belém e localiza-se na Microrregião Bragantina. Esta microrregião compõe a Zona Bragantina, que historicamente é a região mais antiga de colonização do Nordeste Paraense (LOBATO, 2014). A Vila Tauarí e o km12 do Ramal da Montenegro, foram as áreas pesquisadas nesse município.

Na microrregião do Guamá está localizado o município de Irituia, distante da capital do Estado 177 km e com uma área territorial de aproximadamente 1.379,362 km<sup>2</sup>, tem uma população estimada em 31.673 habitantes. A população rural desse município é bem superior à população urbana, sendo que 24.873 pessoas moram na zona rural, restando pouco menos que sete mil pessoas na área urbana (IDESP-PA, 2014; IBGE 2017). Em Irituia as entrevistas foram realizadas na Vila da Pedra, localizada no Ramal da Penha, e no Ramal dos Borges, situado na Estrada da Brasileira.

Tomé-Açu, possui uma população estimada em 56.518 habitantes e dispõe de uma área de 5.145,361 km<sup>2</sup>, o município está distante 204 km de Belém e está localizada na microrregião de Tomé-Açu. Historicamente teve sua fundação relacionada com a

imigração dos japoneses na década de 1920 (IBGE, 2010; 2015; KATO; TAKAMATSU, 2005). Vila Anoerá e Travessa Santana, foram as vilas pesquisadas nesse município.

A pesquisa foi realizada com abordagens qualitativa e quantitativa, seguindo as orientações propostas por Brumer, (2008) e Minayo (2002). Realizamos revisão de literatura e levantamento de dados secundários na etapa inicial. Mais recentemente, em abril/julho de 2018, realizamos a pesquisa de campo com observações e entrevistas com questões semiestruturadas e abertas com 48 agricultores e agricultoras envolvidas com SAFs. Destes, 29,16% são mulheres.

Para a sistematização dos dados nos orientamos em Oliveira (2000), o qual propõe que numa investigação científica é necessário o “olhar, ouvir e escrever”. A sistematização e tratamento dos dados foram realizados em planilhas do Excel e documentos do Word segundo categorias teóricas orientadoras do estudo.

### **Resultados e Discussão**

Dentre os entrevistados, 14 mulheres são responsáveis pelos SAFs, correspondente à 29% do total pesquisado. Em Bragança, foram 14 entrevistados, Irituia 13 e Tomé-açu 21 agricultores. O gráfico abaixo apresenta a quantidade de mulheres que fazem SAF que

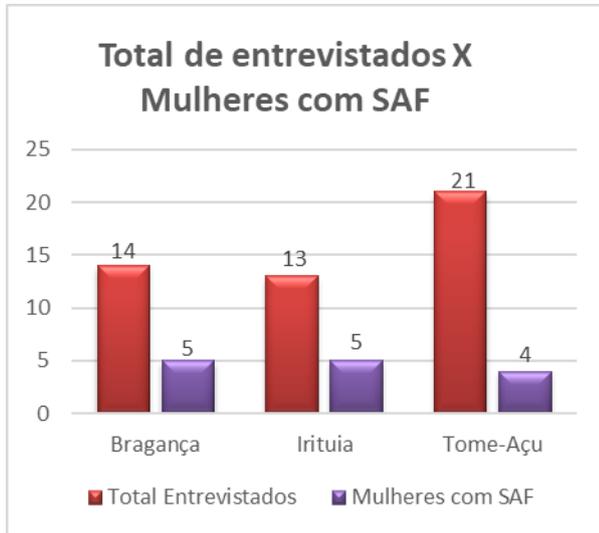


## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Lideranças de SAFs

foram encontradas em cada município (gráfico 1).

**Gráfico 1:** total de SAF x Total de Mulheres com SAF



**Fonte:** Dados de Campo, 2018

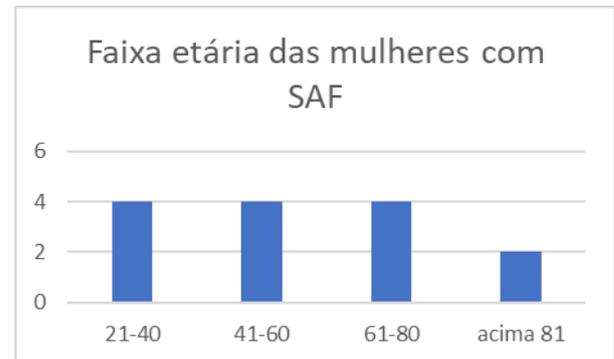
Bragança apresentou um percentual de 35,7% e Irituia o maior percentual das experiências lideradas pelas mulheres, 38%. Em Tomé-Açu, a liderança masculina no trabalho dos SAFs apresenta maior percentual, reverberando na menor incidência das mulheres afrente desse sistema, totalizando apenas 19%.

### Perfil das Mulheres com SAF

São agricultoras casadas ou viúvas, em que a maioria teve pouco ou nenhum acesso à educação formal. Sendo inerente a todas a relação com a terra. São filhas de agricultores que perpetuam a tradição do plantio na família.

A faixa etária das mulheres intercalam entre 30 a 84 anos, sendo bem equilibrada a variação das idades dessas mulheres, como mostra o gráfico 2:

**Gráfico 2:** Faixa etária das mulheres que possuem SAF



**Fonte:** Dados de Campo, 2018

As 14 mulheres entrevistadas dividiram-se 12 igualmente entre as faixas 21-40, 41-60 e 61-80, restando duas mulheres que apresentaram 83 e 84 anos.

O gráfico apresenta que a idade das mulheres não demonstra curva sobre quem mais faz SAF, sendo então uma tecnologia desenvolvida por diferentes faixas e não intrínseca apenas as agricultoras mais idosas, ao contrário, o ciclo pelo plantio diversificado se renova com o passar dos anos.

### Características dos SAFs

Os SAFs liderados pelas mulheres apresentam características singulares em relação aos SAFs em que os homens chefiam. Aqui, entendemos por lideranças, a agricultora que está a frente do sistema, tomando as iniciativas



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Família

de plantio (quando e quais espécies a serem plantadas) e realizando o manejo do SAF.

No início desses sistemas, em 100% deles, não houveram acesso a assistência técnica ou acompanhamento institucional.

Esse fato pode ser um dos reflexos de como as experiências surgiram, pois, no relato de aprendizagem delas sobre como aprenderam a fazer SAF, algumas repostas se repetiam, como mostra o quadro abaixo (quadro 1), mas em todos os casos, a experiência foi espontânea:

**Quadro 1:** Com quem as mulheres aprenderam os SAFs

<i>Com quem aprendeu?</i>	<i>Quantidade</i>
<i>Sozinha</i>	5
<i>Com a mãe</i>	2
<i>Com os pais</i>	5
<i>Com o sogro</i>	1
<i>Com os japoneses</i>	1

**Fonte:** Dados de Campo, 2018

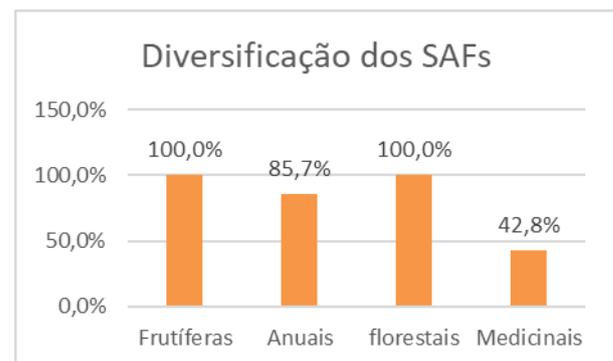
Para essas mulheres o início dos SAFs se dá principalmente pelos plantios no entorno da casa, denominados de sítios ou quintais florestais.

Segundo Miccolis, et al. (2016), os quintais florestais são um tipo de SAF que estão dispostos próximos às residências, o qual se associam nesses ambientes, espécies agrícolas, árvores, frutíferas, medicinais, uso doméstico e alguns animais (ou não). São sistemas com alta produção que colaboram de

forma significativa para a segurança alimentar e o bem-estar da família.

Essas características colocadas por Miccolis et al. puderam ser constatadas durante a pesquisa. Os 14 SAFs que são iniciativas de mulheres, apresentam diversificação de espécies frutíferas, essências florestais, medicinais e consorciados a maioria com a criação de pequenos animais, principalmente aves, apresentando ainda, uma preocupação com a conservação da floresta (gráfico 02).

**Gráfico 3:** Diversificação dos SAFs



**Fonte:** Dados de Campo, 2018

Como mostra o gráfico acima, 100% das experiências apresentam o consórcio de espécies florestais e frutíferas, sendo o açaí (*Euterpe oleracea*), pupunha (*Bactris gasipaes*), cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), andiroba (*Carapa guianensis*), castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*), cedro-mogno ou mogno brasileiro (*Swietenia macrophylla*) e ipê-rosa (*Handroanthus heptaphyllus*), as principais espécies relatadas entre elas.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Ciência

As espécies anuais mais relatadas, foram a mandioca (*Manihot esculenta*) e a pimenta-do-reino (*Piper nigrum*), aparecendo posteriormente o milho (*Zea mays*) e o feijão (*Phaseolus vulgaris*). Seis estabelecimentos apresentam espécies medicinais e onze experiências correlacionam os plantios com a criação de aves.

Sob a responsabilidade de mulheres os SAFs de Bragança e Irituia têm alta diversificação (de 20 a 50 espécies) de frutíferas nativas, essências florestais e medicinais, esta última em menor incidência nos SAFs dos homens. Já em Tomé-Açu, os SAFs têm até 6 espécies nativas, em razão do modelo implantado na região pelos japoneses e difundido entre vizinhos.

Entre as 14 experiências, ressaltamos aqui o trabalho da agricultora Benedita Dora Xavier, de 65 anos, que nasceu e foi criada em Irituia. Seu relato, mostra uma mulher que sabe o início de como começou o plantio, mas que se perde no tempo, quando questionada sobre os anos de SAF: “*Faz tempo. Eu sei que comecei com 15 anos. Tudo que você tá vendo aqui, foi eu que plantei. Mas hoje nem lembro direito, quantos anos tenho aqui*”.



**Figura 1:** Dona Benedita Dora e seu SAF de 50 anos

**Fonte:** Dados de Campo, 2018

O SAF da agricultora Dora apresenta mais de 50 anos e possui mais de 20 espécies nativas, entre frutíferas e florestais.

Dona Dora, contou, que conseguiu recuperar o igarapé da propriedade com os plantios de açai e pupunha, e que no período do verão é o único que não seca ou baixa a vazão de água de forma significativa.



**Figura 2:** Igarapé recuperado da Dona Dora

**Fonte:** Dados de Campo, 2018

Essa experiência da dona Dora mostra como as mulheres consideram o SAF importante para a conservação do solo, da água e de espécies que foram sendo desmatadas ao



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Deficiência da Amazônia

longo dos anos de exploração da Amazônia, pois os relatos das mesmas, mostraram o quanto se sentem importantes pelo trabalho de plantio e conservação da floresta que estão fazendo.

### **Por que as mulheres plantam SAF**

Para essas mulheres, os SAFs vão além de um plantio diversificado, representam uma conexão com a sua história: *“Eu planto assim, porque minha mãe sempre dizia, que se ela não comer, os filhos e os netos comem. Então, além disso, hoje eu já consigo preservar o igarapé que passa aqui atrás. Aqui é pequenininho, mas é abafado de coisa”* conta dona Maria do Carmo, de 43 anos residente em Bragança, fazendo referência a área pequena, mas que contém diversificadas espécies. Por outro lado, os SAFs também são sinônimo de economia e bem-estar: *“Eu economizo. O que eu planto, eu não compro, e tem alimento pra família toda e a casa fica mais fria né? Eu não sei como tem gente que não se interessa de ter árvore perto de casa”*, relata dona Edilene Correia de 39 anos, que aprendeu a plantar com os pais em Bragança e que ressalta a importância das espécies na economia da família.

O embelezamento da propriedade também perpassa pelo interesse de adotar esse sistema, como conta dona Maria Antonia dos Santos de 53 anos e residente em Irituia: *“Plantei pra*

*ter sombra e porque acho bonito. Ele ajuda na alimentação também, mas não vendo nada”*.

Por outro lado, o SAF também é uma referência de onde se vive: *“Quem mora no interior tem que plantar de tudo um pouco”*, conta a agricultora Maria Elizabete de Castro Lima (30 anos) que viu nos SAFs uma oportunidade de ter diversificação de espécies num espaço menor, além de ter sido influenciada pelo exemplo da mãe, dona Dora e da vizinha, dona Joana. Maria Elizabete relata: *“comecei porque a terra é pequena, e quando acaba o tempo de uma fruta, começa o tempo da outra”*. Essa fala do “tempo das frutas” também foi mencionada por dona Joana Darc Vieira (51 anos), que aprendeu a plantar sozinha e hoje seu SAF tem mais de 4,5ha, sendo o plantio e manejo realizado sem acesso de assistência técnica: *“Deus tem me dado entendimento para observar as coisas, corrigir e plantar o que tá se acabando”*, conta ela sobre o aprendizado que foi tendo ao longo dos anos de experiência. Sua produção é entregue na cooperativa da cidade, e tem se tornado uma referência nesse sistema, entre os agricultores, estudantes e pesquisadores.

Ressaltamos aqui, que as razões levantadas por elas, dão significado à importância dos SAFs para essas mulheres, que muitas vezes acabam tendo seus trabalhos invisibilizados diante dos contextos em que se encontram,



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Definição da Causa

mas que é papel nosso dar voz à essas experiências.

### Considerações finais

Os SAFs de Bragança e Irituia apresentam maior inserção das mulheres e maior diversificação das espécies. Tomé-Açu segue o padrão do SAFs convencionais e perspectivas comerciais com pouca diversificação e a liderança desses sistemas é predominada pelo gênero masculino.

As razões das mulheres responsáveis por SAFs são: a diversificação da alimentação da família, renda, embelezamento, sombreamento, conservação de igarapés, aumento da serrapilheira e conservação do solo.

As razões dos homens são mais econômicas e ambientais. Nos discursos os homens são responsáveis pelas atividades produtivas, referendando a clássica divisão do trabalho alicerçadas na relação produção e reprodução. Na prática, as mulheres atuam sistematicamente no desenvolvimento de SAFs e têm razões para além das produtivas e econômicas.

### Agradecimentos

Ao apoio da CAPES pela concessão de bolsa de pesquisa. Ao projeto REFLORAMAZ e às agricultoras que nos receberam e mostraram

seus trabalhos, permitindo que esse artigo se concretizasse.

### Referências

- ALMEIDA, E.; SABOGAL, C.; BRIENZA JUNIOR, S. **Recuperação de Áreas Alteradas na Amazônia Brasileira: Experiências locais, lições aprendidas e implicações para políticas públicas.** Belém: Embrapa/CIFOR. 2006.
- BRASIL. Instrução Normativa nº5, de 8 de setembro de 2009. **Diário Oficial da União.** Brasília – DF, 8 de set. de 2009.
- BRUMER, A. et al. A elaboração de projeto de pesquisa em ciências sociais. In: PINTO, C.R.J.; GUAZZELLI, C. A.(org.). **Ciências humanas: pesquisa e método.** Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 125-147.
- BRUMER, Anita. **Gênero e Agricultura: A Situação da Mulher na agricultura do Rio Grande do Sul.** Estudos Feministas, Florianópolis, 12(1): Jan.- Ab., 2004. p. 205-227.
- DUBOIS, J. C. L.; **Manual agroflorestal para a Amazônia.** vol. 1. Rio de Janeiro: REBRAF, 1996.
- FEARNSIDE, P. **Desmatamento na Amazônia brasileira: história, índices e consequências.** Megadiversidade, vol 1, nº1, 2005.
- GARCIA JR. Afrânio Raul. Trabalho Familiar no roçado. In: \_\_\_\_\_ **Terra de Trabalho, trabalho familiar e pequenos produtores.** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1983. Coleção Estudos sobre nordeste. v. 8. 236 p. 1983.
- HURTIENNE, T. **Agricultura familiar e desenvolvimento rural sustentável na Amazônia.** Belém: Novos Cadernos NAEA v. 8, n. 1, 2005. p. 019-071.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Políticas da Amazônia

IMAZON. **Boletim do desmatamento da Amazônia Legal (maio 2018) SAD.**

Disponível em <https://amazon.org.br/publicacoes/boletim-do-desmatamento-da-amazonia-legal-maio-2018-sad> Acesso 16.nov.2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **IBGE cidades 2017.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em 30 jan.18.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Agropecuário.** MDA, Rio de Janeiro, 2006, p.1-267,

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E AMBIENTAL DO PARÁ – IDESP. **Irituia: estatística municipal.** Belém: Governo do Pará, Sepof, IDESP, 2014.

KATO, O.; TAKAMATSU, J. **Tomé-Açu. Iniciativas promissoras e fatores limitantes para o desenvolvimento de sistemas agroflorestais como alternativa à degradação ambiental na Amazônia.** Anais. Belém /Tomé-Açu, Pará. 2005.

LOBATO, A. S. **Turismo, patrimônio cultural e produção do espaço: uma análise do centro histórico da cidade de Bragança-PA.** Belém: Dissertação (Mestrado em Geografia). UFPA, Belém-Pa. 2014. 176p.

MICCOLIS, A. et al.; **Restauração Ecológica com Sistemas Agroflorestais: como conciliar conservação com produção.** Opções para Cerrado e Brasília: Instituto Sociedade, População e Natureza – ISPN/Centro Internacional de Pesquisa Agorflorestal – ICRAF, 2016.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2002.

NOBRE, H. G. et al. Agroecologia, sistemas agroflorestais e sua contribuição para a sustentabilidade no Nordeste Paraense, In: CANUTO, J. C. **Sistemas Agroflorestais: experiências e reflexões.** Brasília: Embrapa, 2017. p. 88-106.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo.** ed.2. São Paulo. Editora Unesp: Paralelo 15. 2000. p. 17-35.

SCHMITZ, H.; MOTA, D. M. **Agricultura familiar: elementos teóricos e empíricos.** Itabuna: Revista Agrotrópica. CEPLAC, v.19, 2007. p. 21-30.

WANDERLEY, M. N. B. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade.** Rio de Janeiro: Estudos Sociedade e Agricultura, 21, Outubro, 2003. p. 42- 61.

WITKOSKI, Antônio Carlos. Organização social do trabalho da família camponesa. In: **Terras, florestas e águas de trabalho.** Manaus: EDUA, 2007, p. 160-185.